

# Fazendeiros ocupam terra de índios Maxakali

## Governo já demarcou território; pistoleiros assustam tribo com emboscada e armadilhas

ANA LÚCIA GONÇALVES  
 Enviada Especial

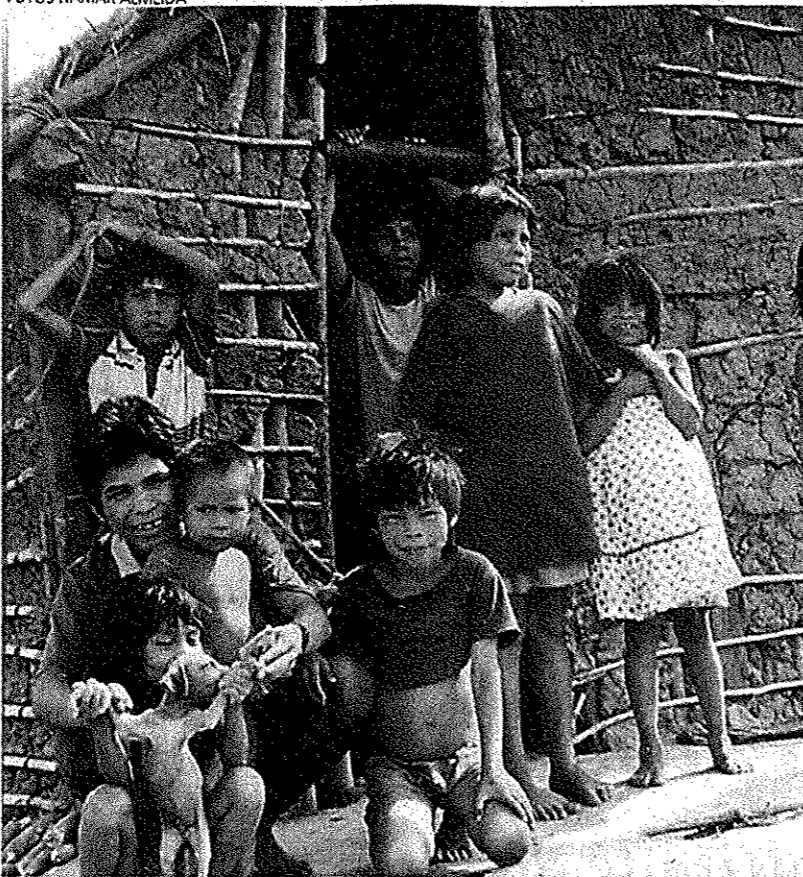
FOTOS ITAMAR ALMEIDA

**MACHACALIS** - A regularização do território indígena Maxakali e a possível retirada dos 11 fazendeiros que ocupam um corredor de 1.853 hectares dos 5.300 hectares pertencentes aos Maxakali, está transformando o local em um campo de guerra. A situação vem se agravando a cada dia, transformando os índios em vítimas constante de um fogo cruzado, gerando um confronto desigual. Além de serem vítimas de emboscadas e armadilhas.

Os 11 fazendeiros ocupam a faixa intermediária de terras entre as aldeias Pradinho e Água Boa e se garantem em títulos oficiais que lhes asseguram a permanência na área. Estes documentos teriam sido fornecidos pela Ruralminas e pelo governo do Estado, contrariando a Portaria nº 317 de 18 de agosto de 1993, do Ministério da Justiça, que reconhece a posse dos Maxakali sobre a terra. Ao realizarem o levantamento fundiário desta região, os relatores do Incri concluíram, em 1995, que a titulação executada pelo Estado de Minas Gerais é ilegal.

De acordo com um dossiê elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário Regional Leste (CIMI-Leste) e entidades ligadas à causa indígena, a argumentação apresentada se respaldava no fato de que mesmo que os títulos fossem anteriores à Constituição de 1934 não teriam validade ainda que registrados, porque os terrenos ocupados pelos índios pertenciam ao Estado mineiro.

De acordo com o dossiê do CIMI, a área indígena foi medida para demarcação por três vezes, sendo uma em 1941, outra em 1956 e a última em 1993. A medição de 1941, sob a explicação da Lei 778/20 e do Decreto nº 5.462, concedia dois mil hectares de terras "devolutas" para a instalação de um Posto Indígena Maxakali. Nessa época, a medição foi feita para situar as aldeias de Água Boa e a de Mikael, abrangendo 2.085,30 hectares. Na última medição, em 56, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) as terras foram caracterizadas como da União e não como terras devolutas, como eram consideradas.



Cerca de 710 famílias formam a aldeia Maxakali em Bertópolis

### Cacique quer área de volta

**MACHACALIS** - A reportagem do HOJE EM DIA esteve na aldeia e comprovou que a regularização das terras e a garantia de sua posse é uma questão de sobrevivência para os índios Maxakali. O único índio que fala o português, entre os 710 da aldeia, Cacique Milton Maxakali, lembra que as terras que hoje possuem são poucas e insuficientes para cada família.

Pela cultura e costume dos Maxakali as ocas da tribo são construídas a 12 quilômetros de distância uma das outras. A produção de alimentos também não é só essencial para a vida dos índios como também por sua índole em produzir sua própria comida. "Homem branco não gosta de nós porque queremos a terra de volta", afirma o cacique. Ele lembra que esta é a causa de todos os conflitos e da "tristeza dos índios".

Através da "Campanha Internacional pela Regularização do Território Maxakali", entidades que trabalham com a causa tentam sensi-

bilizar a opinião pública para que o Governo Federal oficialize a imediata regularização do território indígena e a retirada dos 11 fazendeiros do local.

A campanha foi lançada este ano pelo CIMI-LESTE, Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES) e da Juventude Católica da Áustria (DKA), com a finalidade de sensibilizar a opinião pública para que se exija do Governo Federal a imediata demarcação da área.

No município de Machacalis a campanha é liderada pelo padre Aléscio Aparecido Bombonatti. O último evento pela causa foi um seminário, realizado no dia 2 de dezembro de 95, no Salão Paroquial da cidade. O seminário reuniu representantes da Pastoral da Terra, autoridades, sindicatos e comunidade. O padre Aléscio foi quem relatou ao CIMI o último atentado contra os Maxakalis, quando um grupo de índios foi perseguido e atacado por fazendeiros.

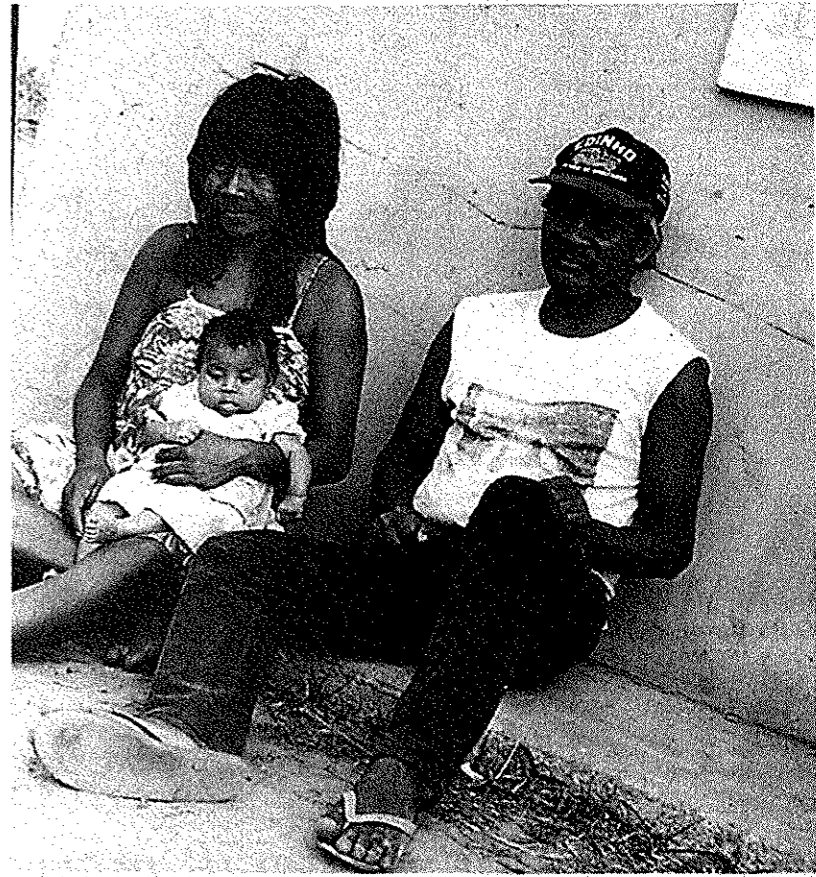
### Cachaça e sarna contaminam tribo

**MACHACALIS** - Em 1994 foram registradas 11 mortes nas aldeias de Água Boa e Pradinho, sendo quatro por causas desconhecidas, três por parto, duas por velhice, duas por desidratação e uma por assassinato. No ano passado apenas uma morte foi registrada. O índio Migau foi atropelado na BR-116, na Serra do Honório, quando atravessava a pista. Este ano, uma criança morreu com pneumonia.

"A comida que dão pra nós é pouca e quando dão a gente come", assegurou o cacique Milton, lembrando que este é um dos motivos que os levam a comercializar, principalmente seu artesanato. O chefe administrativo da aldeia, Carlos Alberto Pereira da Silva, informou que os alimentos fornecidos pela Funai é suficiente para o mês, mas que, devido aos costumes Maxakali, não são suficientes. "Quando os alimentos chegam e são distribuídos, eles fazem 'religião', um tipo culto que só termina quando a comida acaba. As sarnas, segundo ele, são provocadas pela falta de higiene e cuidados dos pais. Temos sete índios internados no Hospital de Águas Formosas. Fazemos tudo o que é possível, dentro da cultura deles", justificou Pereira.

### ATRAVESSADORES

Há uma lei federal que proíbe a venda de bebidas alcoólicas a índios. A lei é cumprida à risca pelos comerciantes de Machacalis e cidades vizinhas e prevê pena de seis meses a dois anos de prisão. O crime é inafiançável. Segundo o Juiz Neto, o problema é causado pelos atravessadores, que vendem a cachaça diretamente aos Maxakali, por até R\$ 20 o litro. Neto revela que pelo menos 20% da população indígena local é alcoólatra.



O cacique Milton diz que as terras são poucas para a tribo

### Juiz quer acabar com guerra

**MACHACALIS** - "Esta guerra só vai terminar quando os fazendeiros forem retirados do local", previu o juiz de Águas Formosas, Orlando Aragão Neto. Segundo ele, três dos 11 fazendeiros são os principais responsáveis pelos conflitos. O juiz não quis revelar os nomes dos fazendeiros, mas a reportagem do HOJE EM DIA apurou que entre eles está "Nego Capixaba", apontado pelos índios como líder do último atentado, ocorrido no dia 17 de fevereiro.

Antes disso, no início do mês, o índio "Doshinho" foi ferido na perna esquerda, quando atravessava uma das fazendas para tomar banho no rio. A arma, de fabricação caseira, é montada com uma ratoeira. Canos de ferro presos por uma linha de nylon é estendida na divisa entre fazendas e quando acionada a armadilha uma bala calibre 22 é disparada. "Esta arapuca tem a capacidade de matar um elefante e foi construída por pistoleiros a mando de algum fazendei-

ro", revela o juiz Aragão Neto.

Com o aumento das ocorrências o juiz enviou, no dia 23 de janeiro, um ofício à Secretaria Geral da República, denunciando que os fazendeiros da região estavam fortemente armados e solicitava uma "Operação de Busca e Apreensão". Quatro agentes da Polícia Federal estão na região desde a última segunda-feira.

Segundo os próprios moradores, a região possui muitos pistoleiros e a maioria da população sabe até quanto cobram pelo "serviço". Além da arma para cometer o crime, exigem também um advogado, caso sejam descobertos. Para matar um juiz ou um padre, segundo a lista, os preços são os mais altos: R\$ 15 mil. Vereador e prefeito, R\$ 10 mil, fazendeiro e comerciante, R\$ 5 mil. Os pistoleiros não matam peões por acharem que pertencem a mesma classe.

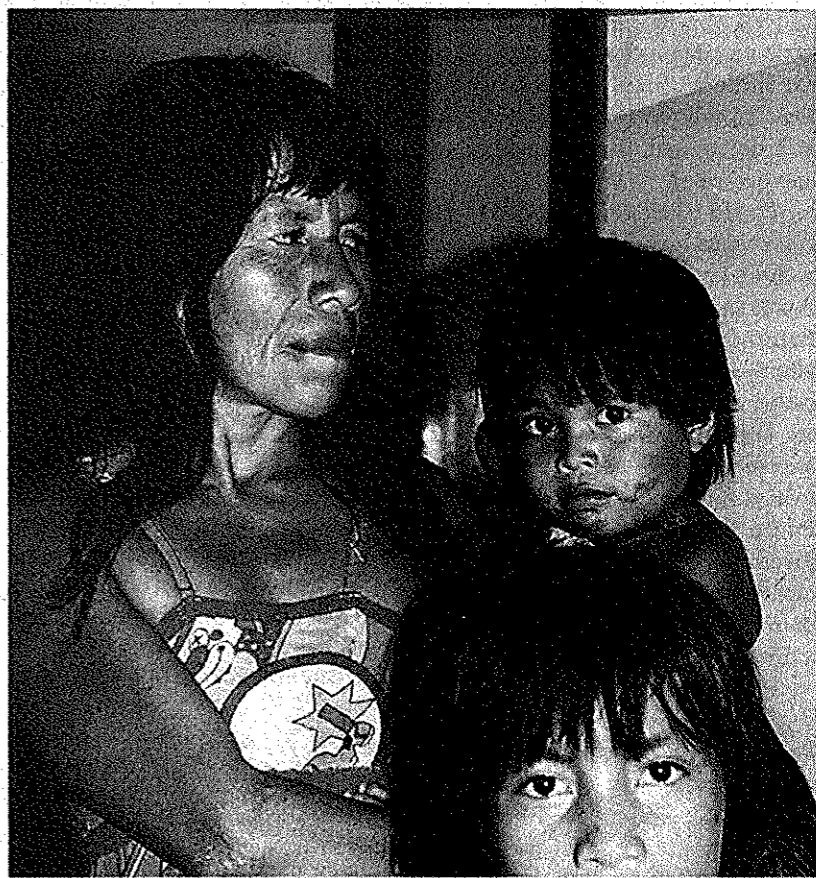
### Perfil da aldeia conserva hábitos

**MACHACALIS** - Atualmente 710 índios formam as aldeias de Água Boa e Pradinho, localizadas no município de Bertópolis, na região Nordeste de Minas. Os Maxakali são povos seminômades, caçadores, coletores e tem como principal fonte de alimento a agricultura de subsistência e artesanato. Os Maxakali são os únicos no estado considerados em vias de integração, ou seja, quando em contato com grupos "brancos", conservam menor ou maior parte das condições de sua vida nativa, aceitando algumas práticas e modos de existência comuns aos demais setores da vida nacional.

Os Maxakali se auto-denominam por "Tikmã-ân", que quer dizer "Nós humanos" e conservam sua cultura e língua própria. Ocupavam, na época da descoberta, grandes áreas da Mata Atlântica dos estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Vagavam em pequenos grupos em busca de novos territórios e atualmente estão aldeados em uma reserva de área descontínua, nos afluentes do Rio Mucuri.

Eles possuem uma cultura material reduzida, com poucos objetos e sua adaptação ao meio e às técnicas de sobrevivência empregadas, implicam em um máximo aproveitamento dos recursos naturais. Uma vida ritual intensa mantém o contato permanente com o mundo dos espíritos. Possuem uma economia de subsistência baseada na agricultura da mandioca, batata doce e banana. A aldeia é formada por um semicírculo de casas voltadas para um pátio central.

No centro do pátio fica o "Kuxex", a casa cerimonial ou "Casa dos Cantos", proibidas às mulheres. As casas são feitas de palha e madeira e não possuem vedação lateral. O casamento preferencial entre os índios ocorre entre primos cruzados de segundo grau. Durante o primeiro ano de casamento, o rapaz vive com a família da esposa e trabalha na roça do sogro. Os maxakali não gostam da aproximação de homens brancos.



Criança Maxakali tem ajuda da Funai, mas a comida é pouca

### Criança índia chora de fome

**MACHACALIS** - Embora sejam amplamente assistidos pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que oferece assistência odontológica, médica e ensino fundamental e alimento a cada mês, os Maxakali estão passando fome. A denúncia é feita pelo gerente de uma fazenda vizinha à aldeia, Amarildo Vieira Silva, 34, que se diz comovido com a situação. As crianças da tribo, segundo ele, choram de fome à noite. "Eles têm muita terra mas não sabem produzir. Pela sofisticação agrícola e a qualidade da terra que possuem isso não deveria acontecer", disse Vieira.

A denúncia é confirmada pelo padre Bombonatti. Ele, além admitir que o alimento que a Funai entrega, uma vez por mês, não é suficiente, denunciou a morosidade da Justiça para resolver problemas relacionados aos índios. "As agressões sofridas pelo povo Maxakali, por omissão do poder público, é a mais grave de

todas", disse Bombonatti.

O padre denuncia que as crianças índias estão morrendo com desidratação, desnutrição e sarna, que castiga principalmente os recém-nascidos. Os adultos, em sua maioria, vivem em coma alcoólico e com tuberculose. Em muitos casos, de acordo com o padre, as mortes resultam da falta de assistência por parte do órgão público competente, e que na maioria dos casos de violência contra os Maxakali não houve punição dos culpados.

Apesar de os registros existentes serem incompletos ou inexistentes, dificultando uma abordagem mais próxima da realidade enfrentada pelos índios, dados do dossiê, recolhidos de registros da equipe da Comissão Pastoral Indigenista da Diocese de Machacalis mostra que no período de 1990 e 1993, houve seis casos de tuberculose, cinco de desidratação, cinco de febre e vômitos, dez de cólera, dois de coma alcoólico.